

## Lembrar, esquecer, escrever: imagens do anarquismo terrorista nas crônicas de Neno Vasco

*Remember, forget, write: images terrorist anarchism in Neno Vasco's  
chronicles*

*Thiago Lemos Silva*

Mestre em História pela UFU, professor do UNIPAM e pesquisador do Nephispo.  
E-mail: [thiagols@unipam.edu.br](mailto:thiagols@unipam.edu.br)

---

**Resumo:** O propósito deste artigo é interrogar as imagens de memória e de esquecimento em Neno Vasco sobre o imaginário do anarquismo terrorista. Para tanto, exploramos as crônicas de sua autoria que foram publicadas na imprensa anarquista e operária luso-brasileira, durante a década de 1910. Embora essa escrita fosse uma narrativa utilizada para informar e debater com os leitores brasileiros e portugueses sobre esse importante período da história, ela também possibilitou ao nosso biografado uma forma de escrita de si, o que permitiu, por sua vez, a esse biógrafo, encontrar uma chave para abrir não apenas a porta da história do movimento anarquista e operário no continente europeu, mas também, e, sobretudo, a porta da sua história de vida, ajudando a melhor compreender os motivos que levaram-no, assim como muitos outros, a esquecer o anarquismo terrorista.

**Palavras-chave:** Anarquismo terrorista. Memória. Esquecimento.

**Abstract:** The purpose of this article is to question the images of memory and forgetfulness in Neno Vasco about the imaginary of terrorist anarchism. To do so, we explore the chronicles of his authorship that were published in the Portuguese-Brazilian anarchist working press in the 1910s. Although this writing was a narrative used to inform and debate with Brazilian and Portuguese readers about this important period of history, it also allowed our biographed man a form of self-writing, which in turn allowed this biographer to find a key to opening not only the door of the history of the anarchist movement and workers on the European continent, but also, and above all, the door of his life history, helping to better understand the reasons that led him, as well as many others, to forget terrorist anarchism.

**Keywords:** Terrorist Anarchism. Memory. Forgetting.

---

No início de 1912, Neno Vasco<sup>1</sup> parecia estar bastante satisfeito com os resultados assumidos pelo trabalho desenvolvido pelos anarquistas junto ao

---

<sup>1</sup> Neno Vasco, pseudônimo de Gregório Nazianzeno de Moreira Queiroz e Vasconcelos, nasceu em Penafiel em 1878. Entre idas e vindas, suas atividades militantes junto ao movimento anarquista e operário transcorreram entre Brasil (1901-1911) e Portugal (1911-1920). Esteve à frente dos principais periódicos de São Paulo, *O Amigo do Povo* (1902-1904), e de Lisboa, *A Sementeira* (1908-1919). Pouco inclinado à ação pública, Neno Vasco contribuiu mais como um propagandista do que como um ativista. Por meio da palavra escrita, destacou-se por suas crônicas, ensaios, contos, poesias e peças de teatro, nos quais se evidencia seu ativismo em prol da criação de uma estratégia sindical de ação direta. Tais ações colaboraram para conferir o “tom anarquista” que caracterizou o movimento operário dos dois lados do Atlântico. Vitimado

movimento operário dentro e fora da Porta da Europa<sup>2</sup>. Afinal de contas, a entrada dos anarquistas no movimento operário lhes permitiu encontrar, no sindicalismo revolucionário, a estratégia que acreditavam ser a mais adequada para fazer ruir o edifício da sociedade capitalista e, sobre os escombros desta, erigir a sociedade socialista. Contrariando, entretanto, suas previsões o ulterior engajamento dos anarquistas com o sindicalismo revolucionário em quase todas as partes do globo, não ocasionou o apagamento imediato dos anarquistas terroristas, que, volta e meia, teimavam em (re)aparecer na cena social, tal como atesta o assalto do grupo liderado por Jules Bonnot ao banco francês da rua Odonner, no ano de 1911.

Tal fato retoma e reatualiza a espinhosa problemática da relação historicamente presente no imaginário – entendido como um conjunto de imagens, símbolos e afetos que configuram a realidade (LE GOFF, 1995) – entre anarquismo e terrorismo para Neno Vasco. Em uma época na qual os assassinatos, as explosões de bombas, os roubos e outras formas de “propaganda pelo fato” pareciam ser táticas superadas pela consolidação do sindicalismo revolucionário, o cronista se vê obrigado a (re)visitar a história do anarquismo entre os séculos XIX e XX. Ao (re)escrever sobre o lugar ocupado pelo terrorismo naquele contexto, nota-se fortemente como memória e esquecimento se inserem e se articulam na escrita cronística do nosso biografado, formando um umbral de impossível ou difícil distinção (SEIXAS, 2003).

Com o intuito de interrogar as imagens da memória e do esquecimento em Neno Vasco envolvendo o imaginário do anarquismo terrorista, perscruto neste trabalho as crônicas de sua autoria que foram publicadas na imprensa anarquista e operária do Brasil e de Portugal, durante a década de 1910, sendo que parte destas foi republicada no livro *Da Porta da Europa*. As crônicas publicadas no livro em 1913 recobrem o período que vai de 1911 a 1912. Trata-se de uma seleção que se concentrou nos principais órgãos da imprensa anarquista e operária luso-brasileira, pelos quais circulou boa parte da produção literária de Neno Vasco no período posterior a sua travessia para o outro lado do Atlântico. O roteiro inicial do livro começa com o jornal *A Lanterna*<sup>3</sup> (1911-1916), de São Paulo. Do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, temos as crônicas publicadas, respectivamente, nos jornais *A Guerra Social* (1911-1912) e *A Luta* (1909-1912). As crônicas publicadas nas revistas *A Aurora* (1910-1920), do Porto, e *A Sementeira* (1908-1913), de Lisboa, fecham esse roteiro.

A escolha de suas crônicas enquanto fonte privilegiada para esta pesquisa impôs pela importância que esse gênero literário assumiu frente aos demais nos periódicos militantes. Segundo Prado e Hardman (2011, p. 16),

longe do andamento figurativo e esquemático do romance humanitário aberto às teses anarquistas (heróis redentores, moralismo purificador, humanismo artificial

---

por uma tuberculose, Neno Vasco faleceu em 1920, com apenas 43 anos, na cidade de São Romão do Coronado. Ver: Samis (2009); Silva (2012).

<sup>2</sup> Uma análise do sindicalismo revolucionário em nível internacional pode ser encontrada em Colombo (2004).

<sup>3</sup> Embora o livro tivesse recebido o mesmo nome que a coluna de crônicas publicadas no jornal *A Lanterna: Da Porta da Europa*, o livro traz crônicas que foram originalmente publicadas em outros jornais com os quais Neno colaborava.

do *locus amoenus*), impunha-se o registro da opressão cotidiana que transformava a palavra em instrumento de sobrevivência, experimentando a narrativa curta na percepção do flagrante.

Ao experimentar a narrativa curta, o cronista consegue perceber o flagrante no momento da sua consecução. Desse modo, o assunto da sua escrita pode surgir de forma ocasional e ir preenchendo a pauta do jornal a partir das demandas que, segundo ele, sejam importantes para a militância:

[...] a denúncia de maus tratos nas fábricas, a comemoração de um evento revolucionário, o confronto com a repressão, o registro quase expressionista da miséria, a imagem corrosiva da cena burguesa, a caricatura impiedosa dos inimigos da causa, com ênfase para o burguês, o militar e o padre. (PRADO; HARDMAN, 2011, p. 20).

Embora essa escrita fosse prioritariamente uma narrativa, utilizada para informar e debater com os leitores brasileiros e portugueses sobre esse importante período do anarquismo, ela também possibilitou ao nosso biografado uma forma de escrita de si, ou seja, um tipo de escrita que toma a subjetividade.

Como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu autoral” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” [...], que se exprime pela primeira pessoa do singular [...] do indivíduo que assume sua autoria. Um tipo de texto em que a narrativa se faz [...] de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua verdade, sua legitimidade como “prova”. Assim, a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade (CASTRO, 2004, p. 14-15).

Isso permitiu, por sua vez, a esse biógrafo, encontrar uma chave para abrir não apenas a porta da história do movimento anarquista e operário no continente europeu, mas também, e, sobretudo, a porta da sua história de vida, ajudando a melhor compreender os motivos que levaram Neno Vasco, assim como muitos outros, a esquecer o capítulo envolvendo o terrorismo na história do anarquismo.

\*\*\*

O tema do anarquismo terrorista foi o assunto principal da crônica escrita por Neno Vasco em 04 de maio de 1912, na qual se ocupou do assalto ao banco francês situado na Rua Ordonner, ocorrido em 21 de dezembro do ano anterior. O fato em questão notabilizou-se a época por ser o primeiro assalto a uma agência bancária em que os autores do ato se evadiram do local utilizando um automóvel, ficando estes posteriormente conhecidos como os bandidos automobilistas da Rua Ordonner. Para Neno Vasco, o ocorrido tratava-se de um *fait divers* que, por mais visibilidade que tenha tido por parte da intensa cobertura dada pelos jornais burgueses, não mereceria sequer a “honra” de se converter no assunto de uma crônica “honestá”, isso caso o “o

refratário Bonnot”, então líder do grupo, não houvesse envolvido diretamente o pensamento e movimento anarquista.

A dureza com a qual Neno Vasco parece tratar o tema radica-se a ideia de que o único destino do casamento entre anarquismo e terrorismo não poderia ser outro senão o divórcio, não somente porque os atentados terroristas não se filiavam à doutrina anarquista, mas também, e, sobretudo, porque eles a contrariavam radicalmente. Se, de fato, o divórcio lhe parecia o único destino para esse casamento, resta levantar perguntas que permanecem essenciais: qual relação o anarquismo guarda com o terrorismo? Como explicar e compreender seu enraizamento e sua duração? Qual o lugar da memória e do esquecimento no processo de (re)construção dessa história?

Ao traçar a genealogia do anarquismo, Neno Vasco o situa como uma corrente político-ideológica que emerge no seio do movimento operário, organizada desde o interior da Associação Internacional dos Trabalhadores. Resultado direto do acúmulo de experiências dos trabalhadores e trabalhadoras da Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Espanha, Portugal, Uruguai, México e outros países, a AIT, como era mais conhecida, surgiu em 1864, com o objetivo de coordenar a luta contra o capital e fazer avançar o socialismo em diferentes partes do globo. A esse propósito, ele sublinha:

a Internacional foi, com efeito, um imenso laboratório de ideias e emancipação social, espalhando pelo mundo [...] os sistemas que se debatem ou se combinam [...] para a alta empresa de refundição da sociedade e de libertação dos trabalhadores, que, entretanto, só pode ser como ela o proclamou para sempre, obra direta dos próprios trabalhadores (VASCO, 1913, p. 1).

Os “sistemas” que se debatiam ou se combinavam, conforme explicita o cronista, revelam já de cara o caráter pluralista da referida instituição. Embora esses sistemas subscrevessem o corolário de que “a emancipação dos trabalhadores deveria ser obra dos próprios trabalhadores”, estavam longe de interpretá-los de unívoco, gerando um tenso debate em torno das estratégias adequadas para o encaminhamento do processo revolucionário. A criação de um partido político para conduzir a luta ou a auto-organização nos sindicatos, a tomada ou destruição do poder do Estado, o centralismo ou o federalismo, foram alguns lugares comuns do imaginário socialista da época que opuseram Karl Marx e Mikhail Bakunin, para enunciar aqui alguns dos personagens mais emblemáticos do referido embate, pertencentes a ambas tendências.

E acrescenta:

relembrada, naturalmente, pelos socialistas das várias tendências e dos diversos métodos, por todos aqueles, que, com mais ou menos razão, se consideram herdeiros e continuadores da obra que lhe deu nome e motivo de existência. Todas as grandes teorias que constituem hoje o socialismo [...] receberam fórmulas palpáveis e populares [...] no seio da famosa Associação Internacional dos Trabalhadores. Não excetua sequer essa ideia que forma o nó vital do sindicalismo revolucionário: que o sindicato operário [...] é o órgão específico da luta de classes e o núcleo reorganizador da sociedade futura (VASCO, 1913, p. 1).

Por meio desse trecho, o cronista nos oferece os primeiros elementos para sondarmos nossa problemática envolvendo a memória e o esquecimento do anarquismo terrorista. Antes, contudo, tentemos definir o que são suas características e como se relacionam. De acordo com Jacy Alves de Seixas (2003, p. 169),

assim como a memória é múltipla, multifacetada e feita de uma “coleção de momentos” desiguais (como diria Marcel Proust), o esquecimento também o é; ele também não se apresenta em bloco e de uma só vez. O esquecimento é descontínuo, é intermitente, estende-se desigualmente sobre as experiências humanas; o esquecimento é por definição latente, mais ou menos (ir)reversível e absoluto.

Em outra passagem, acrescenta:

é preciso reconhecer, então, na memória e no esquecimento uma linguagem, uma narrativa, feita fundamentalmente de imagens carregadas de afetos positivos ou negativos que enquadram (a sua maneira) a possibilidade de reconhecimento e reconstrução (melhor seria dizer, atualização) do passado desde o presente e, também, de projeção em direção a um futuro (SEIXAS, 2003, p. 166).

Feitas essas considerações, retomemos a nossa problemática. Ao evocar que todos os contornos delineados e assumidos pelo movimento socialista, em geral, e pelo socialista-anarquista, em particular, no século XX, deitavam suas raízes na AIT do século XIX, ele não faz outra coisa que não atualizar o “passado” no “presente”. De modo análogo aos anarquistas da Internacional, os anarquistas da Confederação Geral do Trabalho francesa<sup>4</sup> concebiam a autoemancipação proletária como a pedra de toque de sua filosofia.

Fundindo em uma mesma duração essas duas concepções, nosso biografado vê as organizações operárias assumirem duas funções que estão intimamente ligadas. Por um lado, o sindicato tem a função de organizar a luta por reformas dentro do sistema capitalista, que podem trazer melhorias imediatas para as condições de vida dos trabalhadores. Por outro lado, é função do sindicato também preparar os trabalhadores para o processo revolucionário, capacitando-os para autogerir a futura sociedade. Colocando a ação direta no coração da política, essa estratégia apostava na possibilidade de o proletariado aprender, por si mesmo, a lutar em prol dos interesses da sua classe social, a construir a consciência dos antagonismos entre capital-trabalho, a superar a função do Estado e, por conseguinte, a revolucionar a sociedade capitalista, fato que tornaria exequível sua reconstrução ulterior em direção ao socialismo.

Essa seleção, voluntária, racional, contínua, mas, em grande medida, também involuntária, afetiva e descontínua do passado, busca atualizar a imagem do militante anarquista engajado com o sindicalismo revolucionário<sup>5</sup> não só como *um* herdeiro, mas

---

<sup>4</sup> Sobre a CGT, ver: Julliard (1988).

<sup>5</sup> Apesar do seu engajamento com a estratégia sindicalista revolucionária, é necessário sublinhar que Neno nunca depositou qualquer confiança nas “virtudes intrínsecas” do sindicalismo e, muito menos, subscrevia o seu corolário: “o sindicalismo se basta a si mesmo”, como o faziam

também como o herdeiro do legado deixado pela AIT. A tentativa de fixar essa imagem frente às outras que instituíam e estruturavam o movimento anarquista na virada do XIX para o XX, momento em que os militantes libertários entram de cheio no movimento sindical, fica mais que evidente no trecho a seguir:

[...] a entrada dos anarquistas, que não tinham perdido a noção de método, nos sindicatos profissionais, vieram, porem reatar a límpida tradição socialista anárquica, restituir ao gigante insulado a sua bela virilidade, reduzir a justas proporções a crítica feita e selecionar o trabalho, aproveitando-lhe os progressos e eliminando as excrescências e infiltrações estranhas (VASCO, 1913, p. 209).

A irrupção desse imaginário impregnado de afetos positivos acerca do tempo concernente à entrada dos anarquistas nos sindicatos: “não tinham perdido a noção de método”, “reatar a límpida tradição”, “restituir ao gigante insulado a sua bela virilidade”, mas também de afetos negativos acerca do tempo em que estiveram ausentes: “reduzir as justas proporções”, “eliminando as excrescências” ou então “infiltrações estranhas”, revela o modo pelo qual os atos de lembrança e de esquecimento impõem-se em sua narrativa.

Se, por um lado, ele conserva imagens do passado que serão trazidas à tona no presente, forjando uma longa linhagem libertária em que os anarquistas destas duas gerações - CGT e AIT - se encontram e coincidem ao destacar uma estratégia sindical que coloca o protagonismo coletivo da classe proletária em primeiro plano, por outro lado, ele também submerge outras imagens desse mesmo passado, que permanecem ocultadas, obliteradas e até mesmo (de)negadas no presente, como no caso do anarquismo terrorista. Mas essa já não é mais uma questão que concerne (exclusivamente) à memória, mas, sim, ao esquecimento.

\*\*\*

Aqui nos deparamos com questões fundamentais para o desenvolvimento de nossa problemática: como o esquecimento do anarquismo terrorista constrói-se nas crônicas de nosso biografado? De que tipo de esquecimento se trata? Por meio de que imagens ele o retoma e o reatualiza? Para responder, ou melhor, formular essas perguntas, apresentemos antes alguns cuidados balizadores. Apoiando-se em Paul Ricoeur, Seixas chama nossa atenção para a importância da noção de vestígio para um correto entendimento das relações entre memória e esquecimento. Ao lado do vestígio documental (arquivos, monumentos...), do vestígio cortical (de fundo neurológico), temos o vestígio afetivo, ao qual vinculam-se traços psíquicos resistentes e duráveis

---

os anarquistas sindicalistas. Partindo da premissa de que a organização operária pode ser tanto instrumento de conservação burguesa como de revolução social, ele temia que o “espírito corporativista” pudesse se sobrepor ao “espírito revolucionário”, fazendo com que a “luta de categoria” sufocasse a “luta de classe”. A exemplo dos anarco-comunistas, ele julgava essencial a existência de uma organização especificamente anarquista, que deveria atuar dentro e fora dos sindicatos com o objetivo de evitar que isso ocorresse; sem, entretanto, se deixar levar pela tentação de impor ali o anarquismo como uma espécie de doutrina oficial. Ver: Vasco (1914).

que permitem a (re)produção das lembranças e dos esquecimentos por meio de imagens. De acordo com a própria historiadora,

[...] este movimento – a dialética aparecer, desaparecer, reaparecer – que confere cadência aos jogos (e estratégias) de memória e esquecimento, é possível precisamente porque há o reconhecimento de imagens (construídas historicamente), que, de alguma forma sobrevivem e se reproduzem. Parece-me relevante justamente identificar estas inscrições afetivas, apreender sua relação com os sentimentos morais [...] os vestígios ao mesmo tempo documentais e afetivos que representam barreiras ao esquecimento definitivo, mas, ao mesmo tempo repõe outra espécie de esquecimento, aquele de cunho reversível. Evidencia-se aí o papel do inconsciente, das imagens mentais, muitas vezes reprimidas ou recalçadas, sublimadas ou denegadas (SEIXAS, 2003, p. 171).

No caso de nosso biografado, esclarecemos que o esquecimento do anarquismo terrorista não se dá por meio do apagamento completo dos vestígios corticais e documentais, como se ele o expelisse para sempre da história, mas sim por meio de esquecimento de cunho reversível, o qual se manifesta por meio de imagens que revelam mecanismos, conscientes e inconscientes, que permitem a gestão política daquilo que se lembra e daquilo que se esquece.

Retomemos, agora, de onde havíamos parado. Depois da dissolução da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1872, somada à derrota da Comuna de Paris, no ano anterior, o movimento operário ver-se-ia no centro de uma onda reacionária que invadiu toda a Europa; vários de seus membros foram presos, muitas de suas organizações foram fechadas e os seus jornais proibidos de circular. Croniciando esse período, Neno Vasco (1913, p. 207-208) sublinha quais foram os desdobramentos disso para o pensamento e movimento anarquistas:

[...] começaram a formar-se as capelinhas doutrinárias, onde se pratica uma espécie de masturbação intelectual e se prega aos convertidos uma espécie de teologia e de misticismo contemplativo. (A partir de então) fabricaram-se silogismos até o infinito. Nasceram as discussões abstratas sobre os miúdos pormenores da doutrina, como em Bizâncio. Acharam-se, em problemas secundários e derivados, sucedâneos para a propaganda e ação principais do socialismo anarquista.

Cada vez mais longe do movimento operário, esses anarquistas irão se restringir a uma propaganda teórica, cujo vínculo com a prática era bastante exíguo. Sob esse aspecto, a trajetória percorrida por Piotr Kropotkin é bastante esclarecedora. Percebendo os reveses sofridos pelo movimento operário, ele não via os resultados práticos que esperava quando das suas atividades militantes na juventude. Desse modo, ele começaria a dar, progressivamente, cada vez mais importância ao caráter evolutivo da mudança social, desvinculando-as dos movimentos revolucionários. Em 1891, por exemplo, ele sugeria que o socialismo poderia ser implementado com o amadurecimento da opinião pública e sem perturbações políticas.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> É sugestivo, porém não conclusivo, que os argumentos defendidos por George Woodcock possam validar essa interpretação. De acordo com o historiador, Kropotkin havia chegado à

O diagnóstico de Neno Vasco não tocava, entretanto, o movimento anarquista como um todo. Ao analisar, ainda, os desdobramentos desses distanciamentos do movimento operário, colocava que

havia ainda outros que, embora com uma concepção menos infantil dos métodos de ação, embora partidários da organização operária, achavam que se deviam gastar todos os esforços em preparar a greve geral expropriadora e a revolução social (VASCO, 1913, p. 208).

Desse modo, estes últimos teriam lançado a “propaganda pelo fato” no Congresso Anarquista de 1881, em Londres. O referido encontro foi chamado para tentar superar a pouca efetividade da propaganda oral ou escrita, tal como vinha sendo praticada pelos anarquistas nesse contexto de refluxo do movimento operário. Essa proposta que inaugura a estratégia insurrecionalista não se referia especificamente à ação terrorista. Diferentemente, ela era tomada como sinônimo de protestos públicos, revoltas coletivas, insurreições populares, e não como roubos, assassinatos e explosões. Posteriormente, alguns anarquistas, no entanto, se apropriariam dessa tática de modo distinto, chegando ao ato terrorista em si, seja com o uso de bombas, de punhais ou de revólveres.

Ao longo da década de 1890, registra-se, então, a ascensão de atos terroristas perpetrados por anarquistas contra alvos que, em sua avaliação, simbolizavam e encarnavam o *status quo* burguês. Em 1892, o juiz Benoit era vítima do atentado frustrado de Ravachol; em 1893, o parlamento francês foi o alvo de Auguste Vaillant; no mesmo ano, passadas somente algumas semanas, Emile Henry fez explodir uma bomba no Café Terminus; um ano depois, Santo Caserio atravessava seu punhal no peito do presidente francês Sadi Carnot; em 1897, a imperatriz da Áustria, Elizabeth, era assassinada por Luigi Lucheni; em 1900, Humberto I, presidente da Itália, caía baleado pelo revólver de Ângelo Bresci<sup>7</sup>.

Nesse interregno, o anarquismo transformar-se-ia no imaginário da época em um fato, ou melhor, em um fantasma a perseguir a burguesia. Nesse processo, a grande imprensa ocupou lugar seminal, atuando, às avessas, como uma espécie de cúmplice dos anarquistas na difusão do terror. Esse medo difundido pela imprensa era tão forte que em vários Estados europeus foram criadas diversas leis anti-anarquistas, que proibiam apologias às ações consideradas criminosas, associação suspeita de conspiração contra a propriedade e diretamente a propaganda anarquista, visando reprimir os atentados terroristas. Essa lei afetava os anarquistas como um todo, sem levar em consideração suas nuances. Nessa época, construiu-se a ideia (de consistência não menos fantasmática) de que todo anarquista era terrorista.

---

conclusão de que suas atividades como agitador, que exercera quando mais jovem, não haviam trazido os resultados rápidos que esperara, e percebendo os constantes contratempos sofridos pelo movimento revolucionário, tornou-se cada vez menos confiante numa vitória em futuro próximo (WOODCOCK, 2007, p. 238).

<sup>7</sup> Para um panorama mais amplo dos atentados, ver Monteiro (2010).

Conforme salientamos, o esquecimento do anarquismo terrorista na crônica de nosso biografado é exercido por meio de imagens, as quais vêm nomeá-lo e identificá-lo enquanto tal. Sondemos, portanto, essas imagens e vejamos no que elas consistem!

*Primeira imagem:* a vítima da exploração capitalista. Ao fazer um balanço dos atentados bem como do imaginário que os (in)formava, Neno Vasco (1913, p. 86-87) esclarece o seguinte:

ora os anarquistas não são violentos. Os anarquistas, inimigos da autoridade, da opressão, da coação, pretendem, porque são anarquistas, banir a violência das relações sociais. Mas para a realização deste escopo [...] admitem o emprego da força para remate da evolução que se realiza no sentido libertário [...]. Mas, se o anarquismo não significa apenas insurreição, greve geral, sendo coisas diferentes, embora juntas muitas vezes, com mais razão ainda não significa atentado terrorista.

E, ao falar do envolvimento de anarquistas com os atentados, reitera que,

se há anarquistas que o praticam, não é como tais, mas apenas como homens oprimidos, perseguidos e violentados. Não são atentados anarquistas, mas atos de revolta instintivos, resposta de baixo as violências do alto. E são tão humanos e naturais que sempre que um grupo de homens, mesmo o mais conservador, se sente oprimido, o atentado, o tiranicídio é desejado, invocado e aplaudido (VASCO, 1913, p. 87).

O caráter espasmódico que o cronista confere aos atentados nos leva a certo paroxismo. Se, de um lado, eles se legitimam enquanto reações inconscientes contra a miséria decorrente da desigualdade criada pelo capitalismo, por outro lado, eles se deslegitimam enquanto ações conscientes que visam superá-lo. Na primeira situação, o critério retido por Neno Vasco para estabelecer a legitimidade dos atentados fundamenta-se na ideia de que a violência empregada é uma resposta previsível a uma violência anterior cometida pelo capital e o Estado. Na segunda situação, o critério da primeira não é mais sustentado, justamente porque os atentados revelar-se-iam incapazes de erradicar as fontes que geram a violência. Em virtude disso, conclui que os atentados não teriam vínculo com qualquer ideologia política, em geral, e, muito menos, com a ideologia anarquista, em particular.

Essa construção imaginária operada por Neno Vasco guarda, em parte, alguma correspondência com o imaginário dos próprios anarquistas terroristas. Grande parte dos mesmos provinha da classe trabalhadora, vivenciava o desemprego, encontrava-se em uma situação paupérrima e experimentava a repressão direta dos poderes governamentais diante de qualquer tentativa de organização para reivindicar seus direitos. Esse é o caso, por exemplo, de Ravachol, anarquista preso por causa de um atentado a bomba contra o promotor Bulot, em 1892. Ao ditar suas memórias para os guardas da prisão onde se encontrava encarcerado, confessou uma série de delitos para sobreviver, como o contrabando de álcool, a falsificação de dinheiro ou o roubo de frangos. “Não podia resignar-me a morrer de fome ao lado de pessoas nadavam no

supérfluo” (RAVACHOL, *apud* MONTEIRO, 2010, p. 86), disse ele sem quaisquer constrangimentos.

Naturalizar os atentados, mostrá-los como respostas universais diante de situações de opressão e/ ou exploração, e, sobretudo, retirar-lhes sua identidade política foi um ardid por meio do qual o esquecimento do anarquismo terrorista é exercido na narrativa do nosso biografado, forjando a imagem do anarquista terrorista como uma pobre vítima da exploração capitalista. No entanto, se sondarmos a dinâmica dos atentados, somos surpreendidos por pistas que levam a caminhos diferentes dos daqueles que Neno Vasco ambiciona (in)voluntariamente nos conduzir.

Percebemos o quanto tais atos são realizados por seus protagonistas a partir de uma determinada estratégia calcada na intencionalidade, na organização e, o mais importante, na identificação com a ideologia anarquista. Afinal de contas, dependiam de mapear os alvos que representavam a ordem burguesa (um patrão, juiz, parlamentar) da logística envolvendo a fabricação e o transporte de bombas, e, por fim, a execução do ato em si, que possuía o intuito de difundir o anarquismo, de sacudir os trabalhadores da apatia e de instigá-los à revolta contra a ordem vigente. Sob esse aspecto, o depoimento dado por Ravachol (*apud* MONTEIRO, 2010, p. 69) ao juiz logo após sua prisão é emblemático:

eu estou orgulhoso do que fiz. Você não irá tirar de mim uma única palavra de arrependimento. Se eu não estivesse preso iria continuar minhas explosões, sem poupar qualquer pessoa ligada a condenação de outros Anarquistas. Eu gostaria de ter explodido a Câmara dos Deputados por impor aos dinamitadores a pena de morte. Sem deixar nada impedindo o caminho da propaganda Anarquista.

*Segunda imagem:* o bandido amoral. A filiação explícita do anarquista terrorista não constitui uma evidência completamente estranha a Neno Vasco. Em alguns momentos, o anarquista parece lembrá-la, mesmo que seja para logo em seguida esquecê-la. Por exemplo, quando retorna a sua crônica sobre assalto ao banco francês situado na Rua Ordonner, em 1911, por parte dos anarquistas terroristas liderados por Bonnot, ele escreve as seguintes palavras:

é certo que alguns autores de atos anti-sociais, como satisfação íntima e justificação a seus próprios olhos, procuram cobrir suas ações com algum sistema doutrinário; mas então a ideia é forçosamente adaptada aos atos. Assim Bonnot teria aproveitado do anarquismo uma pequena parte crítica, à que incide sobre a legitimidade da propriedade e da lei: mas, as conclusões não eram as do anarquismo - eram as do meio social em que viviam. “Pois, que a propriedade é um roubo, garantido pela lei; pois que o mundo está baseado sobre a exploração e a violência - façamos como toda a gente e não sejamos vítimas!” (VASCO, 1913, p. 186).

Essa imagem, que substitui e atualiza a primeira, vem corroborar de modo emblemático o modo como o esquecimento é exercido na narrativa de nosso cronista. Diante da necessidade de enfrentar a filiação explicitamente anarquista reivindicada pelos terroristas, Neno Vasco coloca em questão o oportunismo (“satisfação íntima e

justificação a seus próprios olhos”); a distorção (“a ideia é forçosamente adaptada aos atos”); e o equívoco (“as conclusões não eram as do anarquismo - eram as do meio social em que viviam”) presentes no modo como se apropriavam da ideologia política. Assim, de pobres vítimas da exploração capitalista sem vínculo ideológico, os anarquistas terroristas passam a ser representados como bandidos amorais que usam o vínculo ideológico para encobrir seus interesses criminosos.

Interessante pontuar como essa construção imaginária do anarquista terrorista como um bandido amoral dialoga, em parte, com as teorias da antropologia criminal presentes na segunda metade do século XIX. Cesare Lombroso, sem sombra de dúvidas, o intérprete mais autorizado dessa “suposta ciência”, acreditava ser possível identificar a origem criminosa por meio de métodos que tomavam como evidências empíricas determinadas características físicas inscritas no corpo delinquente, como deformações cerebrais, cranianas e anatômicas. Aplicando suas teses aos anarquistas, em geral, e aos anarquistas terroristas, em particular, o médico italiano conclui que os atentados contra as autoridades movidos pelo ímpeto revolucionário seriam um sintoma de um quadro patológico, que mostra sua incapacidade de interiorizar as regras, resultando em uma espécie de “loucura moral” (LOMBROSO *apud* MONTEIRO, 2010, p. 67).

Mesmo que Neno Vasco não tenha desenvolvido uma teoria que poderíamos intitular “antropologia criminal”, tal como fez Lombroso, é necessário reconhecer que o português compartilha com o italiano a ideia de que os chamados “atos antissociais” guardam uma relação direta com a moral. No entanto, diferente deste último, o primeiro entende que o anarquista terrorista não é um criminoso por causa de sua incapacidade patológica de interiorizar a moral, mas sim por ter interiorizado a moral burguesa até se tornar patológico. Ao reproduzir a moral burguesa, os anarquistas terroristas passaram a tomar a sociedade como uma arena onde todos estariam em luta contra todos, resultando na ideia de que, para obter seus objetivos, qualquer meio é lícito.

Mas não é este o raciocínio, a lógica de todos os refratários sociais? Pergunta-se Neno Vasco. Interrogai o negociante, o bolsista, o usurário, o fabricante de falências, o falsificador de gêneros, o envenenador público ou o especulador de ruínas e de misérias, e se estiver em um momento de sinceridade, lhe dirá ao ouvido: “Histórias, meu amigo; neste mundo todos roubam o mais que podem, e quem não rouba e se deixa roubar é porque é tolo!” É porventura isto algum sistema novo ou é a moral resultante da luta inter-humana? (VASCO, 1913, p. 186-187).

O modo amoral, criminoso e, no limite, até mesmo patológico com o qual o nosso biografado representa os anarquistas terroristas contrasta-se, entretanto, com a forma que eles mesmos se viam. Em outra crônica sobre Bonnot, Neno Vasco, se valendo do pseudônimo de Zeno Vaz, relata que ele estava escrevendo suas memórias antes de ser assassinado pela polícia. Nesse escrito, a partir dos elementos que francês traz, enfatiza que

a sociedade fez de Bonnot um monstro. E, no entanto, o desgraçado tinha valor, energia, inteligência, um vivo sentimento de justiça e de bondade [...] Sabeis como terminam suas memórias? Com estas palavras: “Estou decidido a tomar uma companheira”. Surpreenderam-no os caçadores, quando formulava este projeto (VAZ [VASCO], 1912, p. 50).

No fragmento reproduzido, os traços outrora destacados desaparecem e cedem lugar a outras características, que representam o anarquista terrorista como alguém com “valor”, “inteligência” e “um vivo sentimento de justiça”.

*Terceira imagem:* o individualista. Todo o suposto sentimentalismo por parte de Neno Vasco sobre as derradeiras palavras de Bonnot não o exime, entretanto, da crítica contundente que desfere acerca daquilo que julga como pouca efetividade da propaganda pelo fato.

Um ideal determina até certo ponto, escreveu ele, os atos de indivíduo; mas se contraria fortemente o meio social, este vence muitas vezes, as contradições são inevitáveis, e a ideia só orienta os atos dentro de estreitos limites. Os anarquistas bem o sabem. Eis porque eles, reconhecendo a ideia, o poder de indicar o sentido da ação coletiva, entendem que só o desenvolvimento constante desta ação, cada vez mais ampla e solidária, é que poderá transformar o ambiente social, as bases econômicas e políticas da sociedade (VASCO, 1913, p. 187).

A crítica em torno da pouca efetividade da propaganda pelo fato reside, aqui, no caráter individual dos atentados, que não possuem a capacidade de superar as contradições sociais da ordem burguesa, levando o cronista a identificar o anarquismo terrorista com uma espécie de anarquismo individualista. Essa terceira imagem recorre a fontes diferentes, no entanto, possui função similar às outras: esquecer o anarquismo terrorista.

Mesmo que os atentados sempre fossem individuais, os seus promotores não eram individualistas. Na realidade, as predileções políticas dos anarquistas terroristas estão muito distantes do anarquismo individualista *tout court*, revelando concepções, se não antagônicas, ao menos muito diferentes de propriedade, Estado e revolução. Pelo contrário, os seus adeptos reconheciam-se muito mais no campo do coletivismo ou do comunismo. Um exemplo emblemático disso nos é revelado por Fabrício Pinto Monteiro a propósito de um inusitado caso envolvendo Emile Henry, anarquista preso por um atentado a bomba no *Café Terminus*. De acordo com o historiador,

encarcerado na Conciergerie, prisão tornada célebre como “antessala” da morte nos tempos do Terror jacobino da Revolução Francesa, Henry escreve em 27 de fevereiro de 1894 uma carta ao diretor da prisão, que, após uma conversa relativamente amigável sobre o ideal anarquista [...] Nesta carta, Henry lista algumas sugestões de leitura para o diretor: *Evolução e Revolução*, Elisée Reclus; *A moral anarquista*, *Palavras de um revoltado* e *A conquista do pão*, de Kropotkin; *Autoridade e Liberdade* e *Maquinaria* de Sébastian Faure; *A sociedade moribunda e a anarquia*, de Jean Grave e *Entre Camponeses*, de Malatesta (MONTEIRO, 2010, p. 22).

Como conclui Monteiro, a ausência de qualquer menção a autores individualistas é sintomática do distanciamento dos terroristas para com essa vertente do anarquismo. Evidência que não o surpreende, uma vez que esses anarquistas constroem fortemente seu “eu” em meio a um “nós”, sempre subordinado ao imperativo de servir a uma causa que atenderia ao interesse de todos e não apenas interesses particulares. A ausência de maiores temores ao colocar em risco a própria vida para levar adiante a execução de seus atos vem corroborar de maneira bastante significativa a esse respeito.

\*\*\*

Vítimas da exploração capitalista... bandidos amorais... individualistas... imagens antitéticas, porém complementares que se amalgamaram na narrativa de Neno Vasco para plasmar o esquecimento do anarquismo terrorista. Esse esquecimento, assim como de muitos outros anarquistas, se deu por motivos bem justificados, tais como a repressão governamental, o isolamento frente ao movimento operário e a pouca efetividade da propaganda pelo fato.

Além disso, a aproximação com os sindicatos mostrou ser de fundamental importância. Tendo como ponto de partida a França, onde o anarquista Fernand Pelloutier<sup>8</sup> desempenhava um papel não negligenciável junto à Federação das Bolsas de Trabalho, enuncia-se o novo âmbito em torno do qual o anarquismo irá se vincular.

A transição da estratégia terrorista à sindicalista e as mudanças que lhes são correlatas não podem ser devidamente explicadas e compreendidas na narrativa de nosso cronista se não levarmos em consideração que o esquecimento da primeira impõe-se à custa da memória da segunda. Em síntese: para ele, esquecer o terrorismo foi condição para recriar e ressignificar o passado do anarquismo a partir dos desafios postos no seu tempo presente, tal como revelava o engajamento massivo de sua parte e de outros militantes libertários com o sindicalismo revolucionário.

### *Referências*

CASTRO, Gomes Ângela de. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

COLOMBO, Eduardo. (Orgs). *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004.

JULLIARD, Jacques. *Fernand Pelloutier et les origines du syndicalisme d'action directe*. Paris: Éditions du Seuil, 1971.

---

<sup>8</sup> Foi a partir do trabalho desenvolvido por Pelloutier e por outros anarquistas junto à Federação das Bolsas de Trabalho, em fins do século XIX, que se instituiu e se estrutura a Confederação Geral do Trabalho no ano de 1902, órgão sindical que, como já assinalamos, serviu de inspiração para o movimento operário de caráter libertário de diferentes partes do mundo. Ver: Julliard (1971).

\_\_\_\_\_. *Autonomie ouvrière: études sur le syndicalisme d'action directe*. Paris: Gallimard Le Seuil, 1988.

LE GOFF, Jacques. "Prefácio da 1ª edição". In: *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1995.

MONTEIRO, Pinto Fabrício. *O Nihilismo Social: anarquistas e terroristas no século XIX*. São Paulo: Annablume, 2010.

PRADO, Armoni; HARDMAN, Foot. Apresentação. In: PRADO, Armoni; HARDMAN, Foot; LEAL, Claudia (Orgs). *Contos Anarquistas: temas & textos da prosa libertária no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SAMIS, Alexandre. *Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, anarquismo e sindicalismo revolucionário em dois mundos*. Lisboa: Letra Livre, 2009.

SEIXAS, Jacy Alves de. Tênuas fronteiras de memória e esquecimento: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIERREZ, Horácio; NAXARA, Márcia; (Orgs.). *Fronteiras, paisagens, personagens, identidades*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

SILVA, Thiago Lemos. *Fragmentos biográficos de um anarquista na Porta da Europa: a escrita cronística como escrita de si em Neno Vasco*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012.

VASCO, Neno. *Da Porta da Europa*. Lisboa: Biblioteca Libertas, 1913.

\_\_\_\_\_. *Da Porta da Europa. A Lanterna*. São Paulo, 11/10/1913.

\_\_\_\_\_. *Anarquismo ou sindicato. Voz do Trabalhador*. Rio de Janeiro, 01/05/1914.

VAZ, Zeno [VASCO, Neno]. *Notas Perdidas. A Sementeira*. Lisboa, Maio de 1912.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas, vol. I: a ideia*. Porto Alegre: L&PM, 2007.